

Suma de Teologia

Tomás de Aquino

✱

Summa Theologiae

Sancti Thomae de Aquino

Tradução: Carlos Eduardo de Oliveira

discurso 40

Primeira Parte, Questão 15:

Sobre as Ideias.

Dividida em três artigos*.

Após a consideração sobre a ciência de Deus (q. 14), resta que se considere sobre as ideias.

Há três questões a esse respeito.

Primeira: se, acaso, há ideias.

Segunda: se há várias ou apenas uma.

Terceira: se há ideias de tudo o que é conhecido por Deus.

1º Artigo:

Se há ideias.

QUANTO À PRIMEIRA, argumenta-se como se segue. Vê-se que não há ideias.

1. Dionísio, em *Sobre os nomes divinos*, capítulo 7, diz, com efeito, que Deus não conhece as coisas segundo a ideia. Ora, as ideias não são sustentadas senão para que as coisas sejam conhecidas por meio delas. Logo, não há ideias.

2. Além disso, Deus conhece tudo em si mesmo, como foi dito acima (q. 14, a. 5). Ora, não conhece a si mesmo por meio de uma ideia. Logo, nem a outros.

3. Além disso, sustenta-se a ideia como princípio do conhecimento e da operação. Ora, a essência divina é princípio suficiente de todo conhecimento e operação. Logo, não é necessário sustentar as ideias.

MAS, EM SENTIDO CONTRÁRIO, há o que diz Agostinho no *Livro das oitenta e três questões* (q. 46): “se põe tamanha importância nas ideias, que, a menos que inteligidas, ninguém pode ser sábio”.

RESPONDO dizendo que é necessário sustentar-se que há ideias na mente divina. Com efeito, “ideia”, em grego, é chamada em latim de “forma”, donde, por meio das ideias, são inteligidas as formas de coisas diversas, que existem além das próprias coisas. Ora, a forma de alguma coisa além da própria coisa existente pode referir-se a dois: ou para que seja exemplar daquilo de que é dita forma, ou para que seja princípio de cognição daquilo, segundo o que se diz que as formas dos cognoscíveis têm ser no cognoscente. E é necessário que se sustentem as ideias no que diz respeito a ambos.

É patente que seja assim: em todos os que não são gerados por acaso, é necessário que a forma seja o fim da geração do que quer que seja. Ora, o agente não agiria de acordo com a forma, a não ser na medida em que há nele a similitude da forma, o que certamente acontece de dois modos. Com efeito, em alguns agentes preexiste a forma da coisa a ser feita segundo o ser natural, tal como nos que agem por meio da natureza, tal como o homem gera o homem e o fogo gera o fogo. Mas, noutros, segundo o ser inteligível, como naqueles que agem por meio do intelecto, assim como a similitude da casa preexiste na mente do construtor. E esta pode ser dita a ideia de casa, uma vez que o artífice tenciona que a casa seja semelhante à forma que a mente concebe.

Portanto, uma vez que o mundo não é feito por acaso, mas é feito por Deus, que age por meio do intelecto, como será patente abaixo (q. 20, a. 4; q. 44, a. 3), é necessário que haja na mente divina a forma de cuja semelhança o mundo foi feito. Nisso consiste a noção de ideia.

QUANTO AO PRIMEIRO, portanto, cumpre dizer que Deus não entende as coisas segundo uma ideia que exista fora de si. Desse modo também Aristóteles reprovava a opinião de Platão sobre as

ideias, segundo o que sustentava que as ideias existissem por si, não no intelecto.

QUANTO AO SEGUNDO, cumpre dizer que, ainda que Deus conheça a si e aos outros por meio de sua essência, sua essência, entretanto, é princípio operativo dos outros, mas não de si mesmo: por isso tem a noção de ideia segundo o que é comparada a outro, não, porém, segundo o que é comparada ao próprio Deus.

QUANTO AO TERCEIRO, cumpre dizer que Deus é similitude de todas as coisas segundo sua essência. Donde a ideia em Deus não é senão a essência de Deus.

2º Artigo:

Se há várias ideias.

QUANTO À SEGUNDA, argumenta-se como se segue. Vê-se que não há várias ideias.

1. Com efeito, a ideia em Deus é sua essência. Ora, há apenas uma essência de Deus. Logo, também há uma única ideia.

2. Além disso, assim como a ideia é princípio do conhecimento e da operação, do mesmo modo a arte e a sabedoria. Ora, não há várias artes e sabedorias em Deus. Logo, nem várias ideias.

3. Se for dito que as ideias multiplicam-se segundo a referência a diversas criaturas, em sentido contrário está que há a pluralidade das ideias desde a eternidade. Logo, se as ideias são várias, mas as criaturas são temporais, então, o temporal será causa do eterno.

4. Além disso, essas referências ou são segundo a coisa unicamente nas criaturas, ou também em Deus. Se unicamente nas criaturas, dado que as criaturas não sejam eternas, a pluralidade

das ideias não será eterna, se forem multiplicadas unicamente de acordo com tais referências. Ora, se são realmente em Deus, segue-se que há em Deus outra pluralidade real que a pluralidade das Pessoas, o que está contra o Damasceno, quando diz que no divino tudo é uno, exceto “a não geração, a geração e a processão”. Desse modo, portanto, não há várias ideias.

MAS, EM SENTIDO CONTRÁRIO, há o que diz Agostinho no *Livro das oitenta e três questões* (q. 46): “as ideias são certas formas primeiras ou noções estáveis e inmutáveis das coisas, uma vez que elas mesmas não são formadas, e por isso são eternas e se mantêm sempre do mesmo modo, contidas na inteligência divina. Mas, dado que elas mesmas não nasçam nem morram, ainda assim se diz que tudo o que pode nascer e morrer, bem como tudo o que nasce e morre, é formado de acordo com elas”.

RESPONDO dizendo ser necessário sustentar que há várias ideias. Para a evidência disso, deve-se considerar que, em qualquer efeito, aquilo que é o fim último foi propriamente tencionado pelo agente principal, tal como a ordem do exército pelo comandante. Ora, aquilo que é excelente ao existir nas coisas é o bem da ordem do universo, como é patente por meio do Filósofo em *Metafísica* XII. Portanto, a ordem do universo é propriamente tencionada por Deus, e não proveniente por acidente segundo a sucessão dos agentes, tal como alguns disseram que Deus criou apenas o primeiro criado, o qual, criado, criou o segundo criado, e assim até que se produziu tamanha variedade de coisas, opinião segundo a qual Deus não teria senão a ideia do primeiro criado. Ora, se a própria ordem do universo foi por si criada por ele e por ele tencionada, é necessário que tenha a ideia da ordem do universo. No entanto, não se pode ter a noção de algum todo sem que se tenham as noções próprias daqueles com base nos quais o todo se constitui, assim como o construtor não poderia conceber a espécie da casa sem que tivesse consigo a noção própria de cada

uma de suas partes. Assim, portanto, é preciso que haja na mente divina as noções próprias de todas as coisas. Donde Agostinho, no *Livro das oitenta e três questões* (q. 46), diz que “cada qual é criado por Deus na noção que lhe é própria”. Donde se segue que na mente divina há várias ideias.

É fácil ver, porém, de que modo isso não repugna à simplicidade divina se for considerado que há na mente do operador a ideia do operado tal como o que é inteligido, mas não tal como a espécie pela qual é inteligido, que é a forma que faz o intelecto em ato. Com efeito, a forma da casa na mente do construtor é algo inteligido por ele, por cuja similitude forma a casa na matéria. Ora, não é contrário à simplicidade do intelecto divino que entenda vários, mas seria contra sua simplicidade se seu intelecto fosse formado por meio de várias espécies. Donde há várias ideias na mente divina como inteligidas por ele.

O que pode ser visto deste modo: ele conhece sua essência perfeitamente, donde a conhece segundo todo modo pelo qual é cognoscível. Ora, pode ser conhecida não apenas segundo o que é em si, mas segundo o que é participável segundo algum modo de similitude pelas criaturas. Ora, toda criatura tem uma espécie própria, segundo a qual de algum modo participa da similitude da essência divina. Assim, portanto, enquanto Deus conhece a sua essência como imitável desse modo por tal criatura, conhece-a como a noção própria e a ideia desta criatura. E de modo semelhante sobre as outras. Desse modo, é patente que Deus entende várias noções próprias de várias coisas, que são várias ideias.

QUANTO AO PRIMEIRO, portanto, cumpre dizer que a ideia não dá nome à essência divina enquanto é essência, mas enquanto é uma similitude ou noção desta ou daquela coisa. Donde, segundo o que são várias as noções inteligidas com base em uma essência, são ditas várias ideias.

QUANTO AO SEGUNDO, cumpre dizer que a sabedoria e a arte significam aquilo pelo que Deus entende, mas a ideia significa o

que Deus entende. Ora, por um, Deus entende vários, não unicamente segundo o que são em si mesmos, mas também segundo o que são entendidos, o que é entender várias noções das coisas, assim como se diz que o artesão, enquanto entende a forma da casa na matéria, entende a casa, mas enquanto entende a forma da casa como especulada por si, a partir disso que se entende entendendo a casa, entende a ideia ou a noção de casa. Ora, Deus não apenas entende muitas coisas por meio de sua essência, mas também se entende entendendo vários por meio de sua essência. Ora, isso é entender várias noções das coisas, ou, que há várias ideias em seu intelecto como entendidas.

QUANTO AO TERCEIRO, cumpre dizer que tais referências, pelas quais as ideias são multiplicadas, não são causadas pelas coisas, mas pelo intelecto divino ao comparar sua essência às coisas.

QUANTO AO QUARTO, cumpre dizer que as referências que multiplicam as ideias não estão nas coisas criadas, mas em Deus. Não são, contudo, referências reais, assim como aquelas pelas quais as Pessoas são distinguidas, mas referências entendidas por Deus.

3º Artigo:

Se há ideias de tudo o que Deus conhece.

QUANTO À TERCEIRA, argumenta-se como se segue. Vê-se que não há, em Deus, ideias de tudo o que ele conhece.

1. Com efeito, não há a ideia de mal em Deus, uma vez que se seguiria que o mal teria ser em Deus. Ora, os males são conhecidos por Deus. Logo, não há ideias de tudo o que é conhecido por Deus.

2. Além disso, Deus conhece aqueles que nem são, nem serão, nem foram, como foi dito acima (q. 14, a. 9). Ora, desses não

há ideias, uma vez que Dionísio diz em *Sobre os nomes divinos*, capítulo 5, que “os exemplares são vontades divinas, determinativas e efetivas das coisas”. Logo, não há, em Deus, ideias de tudo o que é por ele conhecido.

3. Além disso, Deus conhece a matéria prima, que não pode ter ideia, dado que não tenha nenhuma forma. Portanto, o mesmo que antes.

4. Além disso, consta que Deus não é ciente unicamente das espécies, mas também dos gêneros, bem como dos singulares e dos acidentes. Ora, não há ideias destes, segundo a posição de Platão, que, como diz Agostinho (no *Livro das oitenta e três questões*, q. 46), primeiro introduziu as ideias. Logo, não há ideias em Deus de todo o conhecido por ele.

MAS, EM SENTIDO CONTRÁRIO, as ideias são noções existentes na mente divina, como é patente por meio de Agostinho (no *Livro das oitenta e três questões*, q. 46). Ora, de tudo o que conhece, Deus tem as noções próprias. Logo, de tudo o que conhece, tem ideia.

RESPONDO dizendo que, visto que as ideias teriam sido postas por Platão como princípios de cognição das coisas e de sua geração, a ideia se dá para ambos ao ser posta na mente divina. E, segundo o que é princípio do fazer as coisas, pode ser dita “exemplar”, e pertence à cognição prática. Ora, segundo o que é princípio cognoscitivo, é propriamente dita “noção” e pode também pertencer à ciência especulativa. Portanto, segundo o que é exemplar, se dá para tudo o que é feito por Deus segundo algum tempo. Segundo o que é princípio cognoscitivo, se dá para tudo o que é conhecido por Deus, ainda que não seja feito em nenhum tempo, e para tudo o que é conhecido por Deus segundo uma noção própria e segundo o que é conhecido por ele de modo especulativo.

QUANTO AO PRIMEIRO, portanto, cumpre dizer que o mal não é conhecido por Deus por meio de uma noção própria, mas por meio da noção de bem. Por isso o mal não tem ideia em Deus, nem segundo o que a ideia é exemplar, nem segundo o que é noção.

QUANTO AO SEGUNDO, cumpre dizer que daqueles que nem são, nem serão, nem foram, Deus não tem cognição prática, senão unicamente quanto ao poder ser. Donde não há em Deus ideia em referência àqueles segundo o que a ideia significa “exemplar”, mas unicamente segundo o que significa “noção”.

QUANTO AO TERCEIRO, cumpre dizer que Platão, segundo aqueles, sustentou a matéria não criada, e, por isso, não sustentou que houvesse uma ideia para a matéria, mas uma cocausa com a matéria. Ora, uma vez que sustentamos a matéria criada por Deus, ainda que não sem forma, a matéria tem certa ideia em Deus, ainda que não diversa da ideia do composto. Pois a matéria segundo si mesma nem tem ser, nem é cognoscível.

QUANTO AO QUARTO, cumpre dizer que os gêneros não podem ter uma ideia diversa da ideia de espécie, segundo o que a ideia significa um exemplar, uma vez que o gênero nunca se faz senão em alguma espécie. Também se dá de modo semelhante sobre os acidentes que são inseparavelmente concomitantes ao sujeito, uma vez que estes são feitos simultaneamente com o sujeito. Mas os acidentes que são supervenientes ao sujeito têm uma ideia especial. O artífice, com efeito, por meio da forma da casa faz todos os acidentes que desde o princípio são concomitantes à casa, mas aqueles que são supervenientes à casa já feita, como as pinturas ou algo outro, faz por alguma outra forma. Os indivíduos, entretanto, não possuíam, segundo Platão, outra ideia além da ideia de espécie, tanto porque os singulares são individuados por meio da matéria, que, como dizem alguns, sustentava que

fosse criada e cocausa com a ideia; como porque a intenção da natureza consiste nas espécies e não produz os particulares senão para que neles sejam salvas as espécies. Ora, a providência divina não se estende apenas às espécies, mas aos singulares, como se dirá abaixo (q. 22, a. 3).

Prima Pars, Quaestio 15

De ideis.

In tres articulos divisa

Post considerationem de scientia Dei, restat considerare de ideis.

Et circa hoc quaeruntur tria.

Primo: an sint ideae.

Secundo: utrum sint plures, vel una tantum.

Tertio: utrum sint omnium quae cognoscuntur a Deo.

ARTICULUS 1.

Utrum ideae sint.

Ad primum sic proceditur. Videtur quod ideae non sint.

1. Dicit enim Dionysius, 7 cap. *de Div. Nom.*, quod Deus non cognoscit res secundum ideam. Sed ideae non ponuntur ad aliud, nisi ut per eas cognoscantur res. Ergo ideae non sunt.

2. Praeterea, Deus in seipso cognoscit omnia, ut supra dictum est. Sed seipsum non cognoscit per ideam. Ergo nec alia.

3. Praeterea, idea ponitur ut principium cognoscendi et operandi. Sed essentia divina est sufficiens principium cognoscendi et operandi omnia. Non ergo necesse est ponere ideas.

SED CONTRA EST quod dicit Augustinus, in libro *Octoginta trium Quaest.*: *Tanta vis in ideis constituitur, ut, nisi his intellectis, sapiens esse nemo possit.*

RESPONDEO dicendum quod necesse est ponere in mente divina ideas. *Idea* enim graece, latine *forma* dicitur: unde per ideas intelliguntur formae aliarum rerum, praeter ipsas res existentes. Forma autem alicuius rei praeter ipsam existens, ad duo esse potest: vel ut sit exemplar eius cuius dicitur forma; vel ut sit principium cognitionis ipsius, secundum quod formae cognoscibilium dicuntur esse in cognoscente. Et quantum ad utrumque est necesse ponere ideas.

Quod sic patet. In omnibus enim quae non a casu generantur, necesse est formam esse finem generationis cuiuscumque. Agens autem non ageret propter formam, nisi in quantum similitudo formae est in ipso. Quod quidem contingit dupliciter. In quibusdam enim agentibus praexistit forma rei fiendae secundum esse naturale, sicut in his quae agunt per naturam; sicut homo generat hominem, et ignis ignem. In quibusdam vero secundum esse intelligibile, ut in his quae agunt per intellectum; sicut similitudo domus praexistit in mente aedificatoris. Et haec potest dici idea domus: quia artifex intendit domum assimilare formae quam mente concepit.

Quia igitur mundus non est casu factus, sed est factus a Deo per intellectum agente, ut infra patebit, necesse est quod in mente divina sit forma, ad similitudinem cuius mundus est factus. Et in hoc consistit ratio ideae.

AD PRIMUM ergo dicendum quod Deus non intelligit res secundum ideam extra se existentem. Et sic etiam Aristoteles improbat opinionem Platonis de ideis, secundum quod ponebat eas per se existentes, non in intellectu.

AD SECUNDUM dicendum quod, licet Deus per essentiam suam se et alia cognoscat, tamen essentia sua est principium operativum aliorum, non autem sui ipsius: et ideo habet rationem ideae secundum quod ad alia comparatur, non autem secundum quod comparatur ad ipsum Deum.

AD TERTIUM dicendum quod Deus secundum essentiam suam est similitudo omnium rerum. Unde idea in Deo nihil est aliud quam Dei essentia.

ARTICULUS 2.

Utrum sint plures ideae.

Ad secundum sic proceditur. Videtur quod non sint plures ideae.

1. Idea enim in Deo est eius essentia. Sed essentia Dei est una tantum. Ergo et idea est una.

2. Praeterea, sicut idea est principium cognoscendi et operandi, ita ars et sapientia. Sed in Deo non sunt plures artes et sapientiae. Ergo nec plures ideae.

3. Si dicatur quod ideae multiplicantur secundum respectus ad diversas creaturas, contra: Pluralitas idearum est ab aeterno. Si ergo ideae sunt plures, creaturae autem sunt temporales, ergo temporale erit causa aeterni.

4. Praeterea, respectus isti aut sunt secundum rem in creaturis tantum, aut etiam in Deo. Si in creaturis tantum, cum creaturae non sint ab aeterno, pluralitas idearum non erit ab aeterno, si multiplicentur solum secundum huiusmodi respectus. Si autem realiter sunt in Deo, sequitur quod alia pluralitas realis sit in Deo quam pluralitas Personarum: quod est contra Damascenum, dicentem quod in divinis omnia unum sunt, praeter *ingenerationem, generationem et processionem*. Sic igitur non sunt plures ideae.

SED CONTRA est quod dicit Augustinus, in libro *Octoginta trium Quaest.*: *Ideaе sunt principales quaedam formae vel ratio-*

nes rerum stabiles atque incommutabiles, quia ipsae formatae non sunt, ac per hoc aeternae ac semper eodem modo se habentes, quae divina intelligentia continentur. Sed cum ipsae neque oriantur neque intereant, secundum eas tamen formari dicitur omne quod oriri et interire potest, et omne quod oritur et interit.

RESPONDEO dicendum quod necesse est ponere plures ideas. Ad cuius evidentiam, considerandum est quod in quolibet effectu illud quod est ultimus finis, proprie est intentum a principali agente; sicut ordo exercitus a duce. Illud autem quod est optimum in rebus existens, est bonum ordinis universi, ut patet per Philosophum in XII *Metaphys.* Ordo igitur universi est proprie a Deo intentus, et non per accidens proveniens secundum successionem agentium: prout quidam dixerunt quod Deus creavit primum creatum tantum, quod creatum creavit secundum creatum, et sic inde quousque producta est tanta rerum multitudo: secundum quam opinionem, Deus non haberet nisi ideam primi creati. Sed si ipse ordo universi est per se creatus ab eo, et intentus ab ipso, necesse est quod habeat ideam ordinis universi. Ratio autem alicuius totius haberi non potest, nisi habeantur propriae rationes eorum ex quibus totum constituitur: sicut aedificator speciem domus concipere non posset, nisi apud ipsum esset propria ratio cuiuslibet partium eius. Sic igitur oportet quod in mente divina sint propriae rationes omnium rerum. Unde dicit Augustinus, in libro *Octoginta trium Quaest.*: quod *singula propriis rationibus a Deo creata sunt.* Unde sequitur quod in mente divina sint plures ideae.

Hoc autem quomodo divinae simplicitati non repugnet, facile est videre, si quis consideret ideam operati esse in mente operantis sicut quod intelligitur; non autem sicut species qua intelligitur, quae est forma faciens intellectum in actu. Forma enim domus in mente aedificatoris est aliquid ab eo intellectum, ad cuius similitudinem domum in materia format. Non est autem contra simplicitatem divini intellectus, quod multa intelligat: sed

contra simplicitatem eius esset, si per plures species eius intellectus formaretur. Unde plures ideae sunt in mente divina ut intellectae ab ipso.

Quod hoc modo potest videri. Ipse enim essentiam suam perfecte cognoscit: unde cognoscit eam secundum omnem modum quo cognoscibilis est. Potest autem cognosci non solum secundum quod in se est, sed secundum quod est participabilis secundum aliquem modum similitudinis a creaturis. Unaquaeque autem creatura habet propriam speciem, secundum quod aliquo modo participat divinae essentiae similitudinem. Sic igitur inquantum Deus cognoscit suam essentiam ut sic imitabilem a tali creatura, cognoscit eam ut propriam rationem et ideam huius creaturae. Et similiter de aliis. Et sic patet quod Deus intelligit plures rationes proprias plurium rerum; quae sunt plures ideae.

AD PRIMUM ergo dicendum quod idea non nominat divinam essentiam inquantum est essentia, sed inquantum est similitudo vel ratio huius vel illius rei. Unde secundum quod sunt plures rationes intellectae ex una essentia, secundum hoc dicuntur plures ideae.

AD SECUNDUM dicendum quod sapientia et ars significantur ut quo Deus intelligit, sed idea ut quod Deus intelligit. Deus autem uno intelligit multa; et non solum secundum quod in seipsis sunt, sed etiam secundum quod intellecta sunt; quod est intelligere plures rationes rerum. Sicut artifex, dum intelligit formam domus in materia, dicitur intelligere domum: dum autem intelligit formam domus ut a se speculatam, ex eo quod intelligit se intelligere eam, intelligit ideam vel rationem domus. Deus autem non solum intelligit multas res per essentiam suam, sed etiam intelligit se intelligere multa per essentiam suam. Sed hoc est intelligere plures rationes rerum; vel, plures ideas esse in intellectu eius ut intellectas.

AD TERTIUM dicendum quod huiusmodi respectus, quibus multiplicantur ideae, non causantur a rebus, sed ab intellectu divino, comparante essentiam suam ad res.

AD QUARTUM dicendum quod respectus multiplicantes ideas, non sunt in rebus creatis, sed in Deo. Non tamen sunt reales respectus, sicut illi quibus distinguuntur Personae, sed respectus intellecti a Deo.

ARTICULUS 3.

Utrum omnium quae cognoscit Deus, sint ideae.

Ad tertium sic proceditur. Videtur quod non omnium quae cognoscit Deus, sint ideae in ipso.

1. Mali enim idea non est in Deo: quia sequeretur malum esse in Deo. Sed mala cognoscuntur a Deo. Ergo non omnium quae cognoscuntur a Deo, sunt ideae.

2. Praeterea, Deus cognoscit ea quae nec sunt nec erunt nec fuerunt, ut supra dictum est. Sed horum non sunt ideae: quia dicit Dionysius, 5 cap. *de Div. Nom.*, quod *exemplaria sunt divinae voluntates, determinativae et effectivae rerum*. Ergo non omnium quae a Deo cognoscuntur, sunt ideae in ipso.

3. Praeterea, Deus cognoscit materiam primam: quae non potest habere ideam, cum nullam habeat formam. Ergo idem quod prius.

4. Praeterea, constat quod Deus scit non solum species, sed etiam genera et singularia et accidentia. Sed horum non sunt ideae, secundum positionem Platonis, qui primus ideas introduxit, ut dicit Augustinus. Non ergo omnium cognitorum a Deo sunt ideae in ipso.

SED CONTRA, *ideae* sunt rationes in mente divina existentes, ut per Augustinum patet. Sed omnium quae cognoscit, Deus habet proprias rationes. Ergo omnium quae cognoscit, habet ideam.

RESPONDEO dicendum quod, cum *ideae* a Platone ponerentur principia cognitionis rerum et generationis ipsarum, ad utrumque se habet idea, prout in mente divina ponitur. Et secundum quod est principium factionis rerum, *exemplar* dici potest; et ad practicam cognitionem pertinet. Secundum autem quod principium cognoscitivum est, proprie dicitur *ratio*; et potest etiam ad scientiam speculativam pertinere. Secundum ergo quod exemplar est, secundum hoc se habet ad omnia quae a Deo fiunt secundum aliquod tempus. Secundum vero quod principium cognoscitivum est, se habet ad omnia quae cognoscuntur a Deo, etiam si nullo tempore fiant; et ad omnia quae a Deo cognoscuntur secundum propriam rationem, et secundum quod cognoscuntur ab ipso per modum speculationis.

AD PRIMUM ergo dicendum quod malum cognoscitur a Deo non per propriam rationem, sed per rationem boni. Et ideo malum non habet in Deo ideam, neque secundum quod idea est exemplar, neque secundum quod est ratio.

AD SECUNDUM dicendum quod eorum quae neque sunt neque erunt neque fuerunt, Deus non habet practicam cognitionem, nisi virtute tantum. Unde respectu eorum non est idea in Deo, secundum quod idea significat exemplar, sed solum secundum quod significat rationem.

AD TERTIUM dicendum quod Plato, secundum quosdam, posuit materiam non creatam: et ideo non posuit ideam esse materiae, sed materiae concausam. Sed quia nos ponimus materiam creatam a Deo, non tamen sine forma, habet quidem materia ideam in Deo, non tamen aliam ab idea compositi.

Nam materia secundum se neque esse habet, neque cognoscibilis est.

AD QUARTUM dicendum quod genera non possunt habere ideam aliam ab idea speciei, secundum quod idea significat exemplar: quia nunquam genus fit nisi in aliqua specie. Similiter etiam est de accidentibus quae inseparabiliter concomitantur subiectum: quia haec simul fiunt cum subiecto. Accidentia autem quae superveniunt subiecto, specialem ideam habent. Artifex enim per formam domus facit omnia accidentia quae a principio concomitantur domum: sed ea quae superveniunt domui iam factae, ut picturae vel aliquid aliud, facit per aliquam aliam formam. Individua vero, secundum Platonem, non habebant aliam ideam quam ideam speciei: tum quia singularia individuuntur per materiam, quam ponebat esse increatam, ut quidam dicunt, et concausam ideae; tum quia intentio naturae consistit in speciebus, nec particularia producit, nisi ut in eis species salventur. Sed providentia divina non solum se extendit ad species, sed ad singularia, ut infra dicitur.